

# **Megaeventos religiosos pentecostais no conesul: do processo de produção e articulação até sua realização**

Resultado de investigação realizada

GT 21 Sociología de la Religion

Valdir Pedde

Professor da Universidade Feevale – Novo Hamburgo.

Mauro Meirelles

Professor do Unilasalle - Canoas.

## **Resumo:**

Megaeventos envolvem um grande número de pessoas em torno de um objetivo comum. Neste texto nos ocupamos de aspectos metodológicos relacionados ao estudo e análise de três megaeventos evangelísticos ocorridos nas cidades de Montevideu, Porto Alegre e Buenos Aires. Esse estudo resulta de etnografia levada a cabo durante quatro anos junto a diferentes redes de pastores pentecostais nas três cidades citadas. Nossa análise tem como foco certo conjunto de eventos, primeiramente tidos como dispersos, mas que, quando olhados do ponto de vista transnacional e das redes que se constituem a partir deles, adquirem outra conotação e sentido que ultrapassam as fronteiras nacionais e servem a seus promotores como fonte de status e prestígio dentro do campo do qual fazem parte.

**Palavras-Chave:** Pentecostalismo; Megaeventos; América Latina

## **INTRODUÇÃO**

Início este texto com excerto de um texto de Vagner Gonçalves da Silva, o qual me serve neste momento para relatar a forma como me inseri nas redes político-religiosas na cidade de Porto Alegre, a partir das quais iniciei a presente pesquisa e que com o passar do tempo foi tomando corpo e adquirindo proporções além das esperadas permitindo que hoje, possa incorrer nas reflexões que aqui me proponho a fazer, junto com um dos professores que estiveram na minha banca de tese de doutorado (MEIRELLES, 2011), a saber:

Em um dos ritos de iniciação cabula, modalidade de culto afro-brasileiro registrada nos fins do século XIX, o adepto deveria entrar no mato com uma vela apagada e voltar com ela acesa, sem ter levado meios para acendê-la, e trazer, ainda, o nome de seu espírito protetor. O ofício do etnógrafo, para mim, guarda muitas semelhanças com esta cerimônia, pois frequentemente nos vemos perdidos em meio ao campo num reino obscuro de um conhecimento ainda não articulado até que possamos voltar trazendo à luz significados encobertos (SILVA, 2006, p. 9).

Foi assim que me senti quando pela primeira vez cheguei a campo em 2007, numa reunião do Partido Social Cristão, na Assembleia Legislativa. Havia pouco tempo que tinha entrado no doutorado e tentava pensar um objeto de pesquisa. Sabia que desejava trabalhar com as relações entre o político e o religioso, entre imaginários e representações, mas ainda não sabia com quem, onde e quando. Era

essa a vela que levava para o mato quando ia a campo e acompanhava eventos políticos e/ou religiosos.

Todavia, ainda não tinha os meios para acendê-la, e muito menos imaginava que seria a partir deste evento pontual que, realizado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, dois anos mais tarde, me levaria a estar em Buenos Aires, Argentina, num evento que congregou pastores e líderes religiosos pentecostais de 26 países diferentes. E, também, que seria um de meus informantes – o Pastor Getúlio Vargas – que conheci nessas primeiras idas a campo, aquele que me colocaria em contato com um pastor uruguaio, Olmir Alves. Ambos, considerados, até certo ponto, na cena pentecostal internacional como figuras periféricas quando olhados em separado e fora do contexto pentecostal local, mas que, quando observados a partir de um sistema macro-estruturado, se mostram ser os principais articuladores dessa rede transnacional.

Tanto Getúlio Vargas quanto Olmir Alves são apenas parte de uma rede. Rede composta por lideranças religiosas auto-referendadas que os colocam em contato com um sem número de outros pastores e evangelistas que no contexto nacional e internacional possuem maior influência e prestígio, permitindo a estes, mobilizar certo tipo de capital religioso e político que lhes permite transitar por entre o conselho de pastores dessas três cidades – seja pessoalmente, seja através de outros – e, a partir deste, articular a vinda ou ida de um desses grandes evangelistas a um ou outro lugar. Ida esta, que envolverá cerca de um ano de preparo e campanhas nas pequenas igrejas com vistas a se reunir os recursos que financiaram a ida destes ao Brasil e Uruguai, no caso do evangelista Carlos Annacondia, ou somente ao Brasil, no caso do evangelista norte-americano Benny Hinn. Evento este, realizado em um parque ou estádio, onde, se farão presentes milhares de fiéis, das mais diferentes igrejas evangélicas, sejam elas, pentecostais ou não.

Outrossim, dado o exposto e a amplitude de dados obtidos nos quatro anos de pesquisa tem-se que o espaço limitado deste trabalho nos exige que seja feito um recorte do material. Nesse sentido, restringimos o texto ao modo como o esses megaeventos são articulados e produzidos nessa rede de pastores e líderes religiosos ligados a certo conjunto de igrejas pentecostais que escapa do controle das mega-igrejas (como a Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo) e que, agregam entre seus fiéis no máximo vinte mil pessoas como bem escreve ALVES (2011).

## **1. A PRODUÇÃO E ARTICULAÇÃO DOS MEGAEVENTOS**

Do ponto de vista prático, assim como qualquer evento, a produção de um evento religioso, seja ele de pequeno, médio ou grande porte, acaba por mobilizar um sem número de agentes que se ocupam de diferentes atividades e detêm responsabilidades diversas. Deste modo, quando se olha para o processo que envolve sua realização e considerando-se as proporções diminutas que envolvem a realização de um evento de pequeno e médio porte em relação aquilo que se denomina e se entende como um megaevento tem-se que, do ponto de vista formal, as coisas parecem ser bem diferentes. Contudo, o micro está contido no macro. E observar o modo como àqueles que congregam em uma determinada igreja se preparam para receber alguém que vêm de fora, nos mostra muito de sua forma de organizar-se e do modo como, estes, se mobilizam, em momentos em que são instados a colaborar com outras igrejas, também pentecostais, na produção de um evento que ultrapassa os parcos limites de sua congregação.

Enquanto categoria analítica podemos conceber esse tipo de evento, no caso aqueles que mobilizam um grande número de pessoas, tanto como um evento-chave (ORO, 2008) que articula diferentes interesses religiosos e políticos, quanto como um fato social total (MAUSS, 2003). Isto por que um megaevento religioso, como os aqui analisados, se constitui em um fenômeno único que, quer seja pelo modo como está estruturado, quer pelas relações que nele estão contidas e implicadas, acaba por incidir – e se fazer presente – em diferentes níveis da realidade social, como modo estruturante da ação daqueles que dele participam.

Importa, ainda, ressaltar que os megaeventos do ramo pentecostal, denominados, conforme Oro (2008) de eventos-chave, além de congregarem indivíduos de diversas regiões e países, são eventos que reforçam e tendem a equalizar as crenças e ideologias. Mais do que fortalecerem laços de solidariedade entre pessoas, tais eventos, entre outras coisas, ajudam a estabelecer redes de relações entre pessoas e instituições que reforçam e/ou colocam em evidência as posições que seus organizadores detêm dentro do campo evangélico, hierarquizando-os. Do ponto de vista econômico, um megaevento ultrapassa a simples questão do recurso financeiro propriamente dito, para constituir-se igualmente em fonte de status e prestígio, tanto diante dos seus seguidores, quanto dos organizadores do evento, pois fortalece a visibilidade do movimento religioso no espaço público dotando esses movimentos de maior legitimidade para adentrar nos ambientes seculares, como por exemplo, o da política.

Em suma, um megaevento constitui-se tanto num epicentro quanto numa reverberação de esforços que atualiza as posições dos atores no próprio campo, ao mesmo tempo em que revela sentidos e sinaliza projetos que o próprio campo evangélico (ou parte dele) ambiciona alcançar. Neste sentido, tem-se que, eventos desse porte – tidos como megaeventos – costumam congrega, desde sua organização e planejamento, elementos que evidenciam relações de poder fortemente constituídas e assentadas em vínculos pessoais, interpessoais e de parentesco.

Um megaevento, como os três com os quais nos ocupamos aqui, constituem-se, assim, no ápice de um esforço coletivo que é dotado de uma multiplicidade de sentidos/fatos/imaginários. Multiplicidade essa que é acionada e trabalhada durante todo o processo de produção e articulação do mesmo, que se inicia, mais ou menos, um ano antes de sua realização. Também, há de se considerar que os megaeventos religiosos, tais como as cruzadas evangelísticas de Carlos Annacondia e Benny Hinn, assim como o Breakthrough promovido por Claudio Freidzon, apesar de acontecerem em uma determinada cidade ou local, na verdade, são multicêntricos e envolvem uma pluralidade de atores e redes de relações que estão situadas em diferentes lugares do país e do mundo.

## 2. O PRÉ-EVENTO

Toda empresa religiosa, assim como qualquer outra atividade que oferece um determinado tipo de serviço, deve planejar com certa antecedência aquilo que pretende realizar e, assim como as empresas não-religiosas, depois de definida a agenda de trabalho é necessário que se inicie todo um planejamento estratégico com vistas a se garantir que tal agenda seja colocada em prática. É o momento, então, de se buscar parceiros, patrocinadores e pessoal técnico qualificado que possua a expertise necessária para que tais propostas e ideias se tornem realidade. E com a empresa religiosa, no caso aqui, as igrejas pentecostais argentinas, uruguaias e brasileiras que se envolveram na produção e financiamento desses três megaeventos supracitados, não foi diferente.

Estávamos no meio do ano de 2008 e era o momento de nossa primeira ida a campo depois de uma série de entrevistas realizadas no Brasil que nos direcionavam para o exterior e, foi em decorrência disto e do contato travado com pastores ligados a duas igrejas de pequeno e médio porte, que chegamos até o pastor Olmir Alves, líder religioso de uma pequena Igreja Batista tradicional, não renovada, que incrustada num bairro judeu montevideano, contava em sua congregação com pouco mais de cem fiéis. Sendo assim, em entrevista realizada com ele, fomos informados que um evangelista argentino, Carlos Annacondia, estaria no ano seguinte, em Montevideu para uma campanha de alguns dias que visava “reavivar e despertar os uruguaios para o Espírito Santo” e que os barracões e tendas de lona – comumente utilizados neste tipo de evento religioso, geralmente realizado em praças ou descampados – estariam sendo fornecidos por um pastor de uma igreja pentecostal brasileira, Isaías Figueiró.

E foi a partir daí, deste ponto em específico e da entrevista realizada com o pastor uruaio supra-referido, que começamos a compreender o modo como o campo evangélico pentecostal se estrutura e se organiza em termos políticos e religiosos. Que nele existem determinadas instâncias e

etapas que devem ser “queimadas” antes de se partir para a ação prática em si e, também, que seu conhecimento é fundamental para se entender a razão pela qual, megaeventos religiosos, ligados a igrejas pentecostais de pequeno e médio porte são tão raros e, quando ocorrem, costumam mobilizar grandes multidões. Entre as muitas questões envolvidas nesse processo destaca-se a articulação política local, através do chamado Conselho de Pastores da Cidade (CPC). Além disso, a articulação religiosa envolve, também, o estabelecimento de relações precípuas, de reciprocidade e parceria entre igrejas que, muitas vezes, disputam o mesmo “filão” no “mercado religioso”. Ademais, requer, ainda, construção e a utilização de redes pessoais e interpessoais de relações e de prestígio com vistas a seu financiamento e realização.

No que se refere a articulação político-religiosa tem-se que, grosso modo, essa se dá em dois níveis que, ao mesmo tempo em que são complementares, são mutuamente excludentes e podem acabar por inviabilizar o próprio evento em si. Em ambos, política e religião se misturam, contudo, o modo como o processo é construído varia e a moeda corrente em cada um deles é diversa.

No religioso, o que está em jogo é o prestígio que aquele que propõe possui no interior do campo e a rede de relações que ele consegue acionar e operar com vistas à realização de um evento. No político, o que está em jogo não é o poder de convencimento de determinada liderança política ou religiosa sobre outros – este tão caro à política – mas a capacidade que determinados indivíduos, detentores de certo capital religioso, possuem para articular interesses diversos, com vistas a busca de um objetivo comum, o qual, escapa dos limites do campo político secular e, se referenda no campo religioso, na necessidade de levar ao mundo “a palavra”, de “reavivar” entre os seus, os dons do Espírito Santo. Não é à toa, nem por acaso, que normalmente esses megaeventos tenham sempre em seu nome a referência ao fogo, as cruzadas e a guerra.

Neste sentido, é interessante notar como esses conceitos e alegorias êmicas, que muitas vezes nomeiam esses megaeventos, são dotados de sentido no interior do campo evangélico pentecostal através da construção de um máquina narrativa (Corten, 1996) que delimita um certo campo de contingência (Laclau e Mouffe, 1985; Mendonça, 2003) que através da memória (Halbwachs, 2006), do imaginário (Oro, 1997; Corten, 2006) e das representações coletivas (Durkheim, 1970) existentes no campo evangélico pentecostal, estruturam determinadas práticas cotidianas e modos de ser e estar no mundo.

Exemplar disso é o modo como, por exemplo, através da memória de outros eventos – e do passado – Getúlio e Isaías reafirmam suas atividades evangelísticas, tendo como referência o trabalho desenvolvido por Carlos Annacondia e Benny Hinn. Quando Getúlio teve o primeiro contato com Annacondia, ou quando, constantemente, Isaías Figueiró, da Igreja Encontros de Fé, referenda o momento em que, em 1989, segundo Picolotto (2012), conheceu Carlos Annacondia em uma cruzada no interior do Uruguai e passou a utilizar as barracas e lonas, até então, utilizadas pelo evangelista argentino.

Ou então, quando o então prefeito da cidade de Porto Alegre, frequentador da Igreja Batista Filadélfia, na abertura das “Cruzadas de Fogo”, realizada em Porto Alegre, entre os dias 13 e 14 de maio de 2009, antes de entregar a bandeira da cidade ao evangelista norte-americano diz “estar feliz que ele tivesse em Porto Alegre, pois, Porto Alegre, é hoje, uma cidade assolada por demônios” em clara referência aos dados do Censo das Religiões Afro-Brasileiras e de Matriz Africana, recém divulgados, o qual, constatou haver, em Porto Alegre, mais terreiros e casas de religião que em Salvador, Bahia. Dado que se assenta em algo que, já no ano de 1997, Ari Pedro Oro, denominou de “Guerra Santa”.

Algo que, somente faz sentido, se compreendido no interior de uma máquina narrativa e cosmológica que opera a partir de certo conjunto de representações coletivas que, assentadas em um imaginário específico, ganha sentido e significação. É quando a sacolinha de Oro (1993) passa e faz a coleta não mais para a igreja – e/ou somente as necessidades da congregação e daqueles que ali

congregam –, mas sim, para financiar um projeto maior. Um projeto do Espírito Santo manifesto na vinda do referido evangelista à cidade para suas “Cruzadas de Fogo”. E aqui o que está em jogo, em cada templo, em cada congregação é, sobretudo, o “prestígio” e a “unção” de ser o escolhido para contribuir com esse “propósito de Deus”.

Mas nem só de prestígio e capital religioso reconhecido no campo pentecostal se faz um evento desse porte, um megaevento. É preciso que no interior do campo religioso, e em específico, nos CPC’s, “amarrações” e “costuras” sejam feitas. Pois, a vinda de um evangelista reconhecido – apesar de dar prestígio àquele que o traz e deste ser reconhecido no interior do campo pentecostal por tal feito, mesmo que veladamente – deve ser uma dádiva ao “povo de Deus”. E como toda dádiva deve ser dissimulada e não produzir ganho àquele que a oferece (Bourdieu, 1996; Mauss, 2003).

E sobre esta ótica que a vinda de Carlos Annacondia à Porto Alegre, sua ida ao conurbado buenarense ou a Montevideu deve ser pensada, pois, este, como nos declarou muitos de nossos informantes, só inicia uma “Campanha” se tiver o apoio do Conselho de Pastores da Cidade (CPC) que o recebe. Algo que do ponto de vista religioso, em comparação com as mega-igrejas, detentoras de maior poder econômico, garante certa equanimidade entre “os pequenos”. Mas que, também, por envolver uma instância mais política do que religiosa que, de certa forma regulamenta mesmo que informalmente, uma vez que o CPC não é reconhecido legalmente, um conjunto de práticas tidas como “boas” no interior do campo religioso pentecostal, acaba por envolver a todos que dele fazem parte. E, a dádiva que um oferece deixa de ter um nome, um referente, é de todos para todos. São colares e pulseiras que circulam e que movimentam todo um conjunto de práticas e interações que, sem elas, deixariam de existir (Malinowski, 1978).

Nessa articulação, o ato instituinte (Bakhtin, 1993) se despersonaliza e ganha vida própria. E, ao livrar-se do homem e de seu hedonismo, o evento em si, “A cruzada” ou “A Campanha”, deixa de ser um empreendimento humano e passa, segundo a teoria êmica, a ser conduzido por Deus, por seus propósitos, para quem os envolvidos no evento são apenas um instrumento de sua vontade (Atos 9:15).

### 3. SEU FINANCIAMENTO E REALIZAÇÃO

Como diria o professor Ruben Oliven, em uma de suas aulas de Antropologia Econômica, em tom jocoso, é hora de falar em dinheiro. Demos tantas voltas, falamos Nele<sup>1</sup>, mas, não falamos Dele<sup>2</sup>. Mas assim como exposto por Oliven (2001) em relação aos Estados Unidos temos que, Ele, está por toda a parte. Trata-se, no fim das contas, já que estamos falando em dinheiro, de falarmos do modo como esses megaeventos são financiados, de sua economia interna, uma vez que, Ele, o dinheiro está lá, mas você não o vê lá.

No caso das “Cruzadas de Fogo” de Benny Hinn, realizadas entre os dias 13 e 14 de maio de 2009, foram milhares de fiéis ligados a diversas igrejas pentecostais que lá estiveram. Uma megaestrutura, um megapalco, uma mega-equipe de apoio. Quiosques de venda de livros, camisetas, viagens a Israel, CDs e DVDs e toda uma parafernália multimídia. Ambulâncias em prontidão caso alguém passasse mal e um policiamento ostensivo para evitar confusões. Pessoas comiam e bebiam no entorno dos quiosques e/ou trocavam de camisa colocando a camiseta do evento com suas brilhantes letras douradas.

Foi um mega-show. Pessoas caíam, pessoas oravam. Muitos gastavam aquilo que não possuíam na busca do milagre. De tempos em tempos, preleções e testemunhos falavam da música, da palavra, de experiências na Terra Santa. Pessoas escolhidas “a dedo” subiam ao megapalco montado para o evento. Ao lado do palco e atrás do público, gigantescos telões. Pessoas hipnotizadas, em frenesi, numa catarse

---

<sup>1</sup> De Deus.

<sup>2</sup> Do Dinheiro.

produzida para este fim. Todos buscam ali, através da representação mimética, a catarse. A tão esperada catarse “redentora” e “compensadora” que, através dos dons do Espírito Santo, se faria sentir.

Mas e o dinheiro onde está? Nos pergunta Ruben Oliven. Está ali circulando, invisível, como esteve durante quase um ano antes no interior dos templos. Assim como na concretude dos negócios ali fechados, nas camisetas e em toda a parafernália tecnológica e estética que se fazia presente. Assim sendo, tem-se que o dinheiro está lá e que toda a realização e financiamento do evento é, em grande parte, custeada pelo próprio evento através do intenso comércio de produtos e bens religiosos que se faziam presentes. Mas, também, das coletas realizadas nas igrejas, nas muitas igrejas, mobilizadas pelo Centro de Avivamento para as Nações, esta, presidida, pelo apóstolo Silvio Ribeiro, em Porto Alegre. E no fim, quem pagou a conta foi o próprio fiel. É este, na modernidade, o preço do hedonismo e da busca do prazer, da adrenalina e da excitação psico-sensorial que um megaevento proporciona.

Não muito diferente, são as Campanhas de Carlos Annacondia com o seu ministério “Misión Cristiana Mensaje de Salvación”. Contudo, sua dinâmica é diversa e o financiamento do evento se dá a partir das coletas realizadas nos dias do evento, como pudemos acompanhar mais de uma vez. Ou, corre por conta daquele que o convida, ou seja, do pastor ou daquele que junto com o CPC da cidade articulou sua vinda à cidade. Pouca ou nenhuma parafernália tecnológica se fez presente. O coro, as luzes, a música e os telões tão presentes nas “Cruzadas de Fogo” de Benny Hinn, dão lugar aos barracões de lona e as orações.

No interior dos barracões a assistência auxilia o evangelista em sua cruzada, em sua guerra espiritual contra o mal. Por entre aqueles que lá estão, obreiros ligados ao ministério de Carlos Annacondia e a igrejas parceiras transitam e coletam informações em uma ficha que, depois da “Campanha”, será passada as igrejas da região com vistas a se dar continuidade ao trabalho de evangelização ali iniciado. Por isso, a necessidade do apoio político-religioso do CPC, uma vez que Annacondia não têm templos, apenas, enquanto evangelista, “porta” a “palavra de Deus” e é, Deste, seu instrumento. Mas, novamente, Ruben nos pergunta: onde está o dinheiro? Está na sacolinha a que se refere Oro que, por ali passa, nas diversas coletas realizadas durante o evento.

E por fim, temos o Breakthrough, uma conferencia de avivamento destinada a pastores e outras lideranças religiosas, esta, promovida anualmente pela Igreja Rey de Reyes, em Buenos Aires. Evento este que, todos os anos, reúne milhares de líderes pentecostais e fiéis em sua sede no bairro Belgrano que, nos primeiros dias costuma receber grandes evangelistas, tais como Carlos Annacondia e Sérgio Scataglini. E que, depois, segue no estádio do G.E.B.A, próximo a sede da Igreja Rey de Reyes, este, preparado para receber cerca de 25 mil pessoas.

Lá, assim como nas “Cruzadas de Fogo” a busca é pelo Espírito Santo, por “el sopro del Espíritu Santo”. Mais do que a cura, se busca a energia e o reavivamento, a fé, isto tudo na sede da Igreja em Belgrano. Estas são manifestações do “sopro do Espírito Santo”, como muitos diziam nos momentos em que tivemos lá acompanhando. Aqui, como em Porto Alegre, nas “Cruzadas de Fogo” de Benny Hinn, as luzes, a música e o telão auxiliam a produção do êxtase coletivo por parte de Claudio Freidzon e sua esposa, este o *chairman* da Igreja, assim como de seus convidados.

O Espírito Santo “sopra”, muitos caem e a catarse está feita. Mas e o dinheiro onde está? Desta vez, caro Ruben, ele está no caixa ou na máquina de cartão de crédito na qual passamos antes de adentrar, nosso cartão, para efetuar a inscrição no evento e pegar a nossa credencial.

#### 4. OS EVENTOS EM SI

Para além dos aspectos já citados, um evento internacional que congrega uma multiplicidade de denominações pentecostais, revela sintonia com o *zeitgeist* (o espírito da época). Nesse sentido, para agradar e atrair um público mais amplo, bem como para reafirmar um estilo de vida, um megaevento de cunho religioso, entre outras coisas, procura seduzir o fiel através do impacto do prazer. Neste sentido,

é bem comum que – em eventos deste porte e magnitude como o são os megaeventos – haja sempre um espaço de emoção e contemplação onde é possível aos participantes abrirem-se, como diz Featherstone (1995:105) *para todo o espectro de sensações* que é associada e identificada com a *presença de Deus*.

Nos megaeventos, mais até do que em outras celebrações cúltricas, as fronteiras entre o real e o imaginário são estreitadas pela estética que envolve sua produção e preparação. Através de diferentes narrativas acaba por constituir-se no tempo presente – manifesto no momento de sua ocorrência – a manifestação de um histórico de lutas e conquistas que, *abençoado pela presença de Deus*, se torna a garantia de um novo devir. Contudo, a garantia da “benção”, enquanto um fato social total, experienciado através da vivência coletiva da presença de Deus no evento, ocorre muito mais pela eficácia estética e a “aclimatação” do fiel ao mesmo, do que através da mensagem escolhida pelo pregador para aquele momento. As músicas que são entoadas e o engajamento psico-sensorial que o evangelista escolhido consegue promover naqueles que lá estão – de experienciar diferentes emoções e sensações – asseguram a *presença de Deus*, como postula a teoria êmica existente no campo evangélico de uma maneira geral.

Destarte, a experiência estética, assim como a religiosa, nos megaeventos, tem buscado no suporte material, este vinculado a experiência sensorial, o instrumental necessário para que o crente, o observador, se torne parte do evento em si (ABUMANSUR, 2000) de modo que, como exposto por Pedde (1997), os megaeventos servem e têm a obrigação de oferecer, mais do que os cultos a que estão acostumados esses fiéis em suas respectivas congregações, excitação para a alma e para o corpo.

Isto posto, tem-se que muitos estudiosos têm pensado a relação entre a religião e a corporeidade (Rivera, 2006; Rocha, 2008; Pereira, 2009), a emoção (Costa e Jacquet, 2006) e o consumo (Cunha, 2007). Assumindo este caminho, procuraremos refletir sobre o sagrado e a estética corporal; e, mais precisamente, sobre a estética do sagrado e, em que medida, esses megaeventos religiosos podem ser experienciados por aqueles que nele tomam parte, como uma forma particular de vivência da emoção, do corpo, do lazer e da fé.

De modo geral, o que podemos aproveitar das reflexões de Elias e Dunning, é que o tempo de atividades não-monótonas – e aqui se incluem todo e qualquer tipo de evento religioso não cotidiano – constitui-se, na sociedade ocidental atual, em um dos poucos espaços onde há certa liberdade para que a emoção seja exacerbada sem o risco de esta ser socialmente sancionada. Nos momentos de lazer, a emoção que conduz à excitação pode ser liberada e até se deseja que isto aconteça. Assim, o tempo de atividades não-monótonas, apresenta-se como uma possibilidade de experimentar, em público, uma "explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social" (Elias e Dunning, 1992: 112) de modo que, os megaeventos que aqui nos ocupamos, se constituem em espaços desse tipo.

Deste modo, tem-se que os megaeventos compõe parte de seu potencial atrativo em conseguir proporcionar uma relação entre religião, atividade não-monótona, lazer, prazer e excitação corporal. Quer dizer, a religião-espetáculo retirou-se do mundo religioso racionalista dos séculos XVIII e XIX, para alcançar uma faceta importante do mundo pós-moderno: a fuga da monotonia, a busca de um corpo em prazer, da emoção. E, a própria releitura do catolicismo tradicional, feita pelos movimentos carismáticos tornam-se, assim, um exemplo vivo destas "comunidades emocionais" (HERVIEU-LÉGER, 1987). Assim sendo, como bem querem as teorias da religião norte-americanas que se ocupam do movimento pentecostal, tem-se que, tanto no movimento carismático, que também se caracteriza pela realização de megaeventos de vivência coletiva da fé, quanto no movimento pentecostal e neopentecostal, como também em algumas religiões neo-esotéricas, o que esta em jogo é, antes de qualquer coisa, a emoção e a vivência de certo conjunto de situações emocionais experimentadas na "vida real" que no culto, na pregação, nos testemunhos e na própria estética dos megaeventos são evocados, revividos e experienciados de forma intensa por aqueles que deles participam. Seguindo esse raciocínio, a excitação mimética pode ter um efeito catártico.

Dito isto, tem-se então que, os eventos de cunho pentecostal em geral, e os megaeventos em especial, procuram sempre estar repletos desse caráter mimético, emocional e catártico. Este caráter mimético e catártico, justamente por propiciar uma sensação agradável nos participantes, possibilita-lhes a renovação de energias para a continuidade da vida, o devir, como colocamos anteriormente. De certa forma, então, podemos dizer que uma atividade mimética e catártica carrega em si um potencial de representação dramática de situações da vida cotidiana e que a vivência da fé e da “presença de Deus” se dá a partir da própria experiência que aquele que está à frente, que preside essa “Cruzada de Fogo” como é o caso de Benny Hinn, ou a “Guerra Territorial contra o Mal” como é o caso de Carlos Annacondia, é capaz de evocar no imaginário e na memória de milhares de pessoas que ouvem suas palavras, seu testemunho, suas preleções.

O ritual, então, retira sua força não tanto das informações que passa, mas da maneira como consegue articular o mundo social e cosmológico das pessoas. Nos megaeventos, a emoção, de forma geral, tornou-se a base para o sentido. Os cantos e as orações são dois momentos de grande expressividade emocional, de modo que, as orações, habitualmente, são realizadas ouvindo-se um fundo musical. A dimensão musical, através de uma linguagem estética, procura auxiliar na transmissão de emoção. Assim, unindo música, oração e gestos corporais, múltiplos meios sensoriais são acionados para a transmissão da mensagem. Enfim, tudo procura conduzir para um momento de reflexão íntima e de emocionalidade.

E, o conjunto todo da mensagem expressa na oração, envolvida pela música de fundo, provoca a emergência das emoções. A experiência religiosa como percebida nesses ritos cultuais quer ser, antes de qualquer coisa, um encontro subjetivo com a divindade. Neste sentido, como coloca Corten (1996), esse encontro é tão mais intenso quanto mais suscitar emoções. Eis o *zeitgeist* pós-moderno que, sujeitos atomizados e isolados, buscam na emoção e no afeto sua realização coletiva.

E nesse sentido, nos megaeventos religiosos, a religião tida como espetáculo, como representação mimética do real, prescinde de quase toda a teleologia tradicional – da busca da vida eterna – e passa a fixar-se na própria performance do ritual e na eficácia simbólica do bem-estar imediato, da busca pela saúde, pelo dinheiro, pelo sucesso, pelo bem viver etc. aspectos estes, bastante evocados nas diversas “teologias pentecostais e neopentecostais” da segunda e terceira onda de modo que, o centro do discurso não está no que é dito, mas no que é feito e no como é dito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos que, megaeventos religiosos não são apenas mega por reunirem milhares de pessoas, muitas vezes de nacionalidades diferentes e de diferentes igrejas de cunho pentecostal. Trata-se também de megaeventos por reunirem na sua execução uma multiplicidade de facetas inter-relacionadas que as balizam como um fato social total. Neles estão expressas não apenas as redes de relações, mas também como estas redes estão hierarquizadas em relações de poder, de prestígio e status.

Os megaeventos, como vimos, mostram não apenas a cosmovisão do próprio campo pentecostal, ou pelo menos de uma boa parte dele, como também de que forma essa cosmovisão realiza uma interface com a mentalidade contemporânea. Nos megaeventos a política se encanta na tão esperada *revanche de Deus*. E, também, a religião se seculariza, se desencanta, e ascende ao secular na busca de estratégias que lhes permitam tornar a presença de Deus efetiva para os seus.

Todos esses elementos que aqui referendamos não estão presentes somente nos megaeventos, mas, também em outras esferas da vida social. E nesse sentido, o que quisemos mostrar aqui é que a produção de um evento religioso extraordinário, como é o caso dos megaeventos desse tipo, segue, grosso modo, certos padrões e envolvem certas amarrações, costuras e articulações tanto políticas quanto religiosas. Que envolvem performances diversas e que, além de se constituírem-se em um senda



no tempo de chronos, enquanto epicentro da manifestação do divino, do sagrado, são fatos sociais totais. Os quais contêm em si o todo que está em toda parte e em lugar nenhum, mas que, nesses megaeventos, reverbera.

## REFERÊNCIAS

- ABUMANSUR, Edin Sued. A arte, a arquitetura e o sagrado. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 177-190, 2000.
- ALVES, Daniel. *Conectados pelo espírito: redes pessoais de contato e influência entre líderes carismáticos e pentecostais ao sul da América Latina*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BAKTHIN, Mikail. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- CORTEN, André. “Introduction”. In: CORTEN, André; MOLINA, Vanessa; GIRAD-LEMAY, Julie; (Orgs.). *Les frontières du politique en Amérique latine: imaginaires et émancipation*. Paris: Karthala, 2006, p. 7-24.
- CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: O pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COSTA, Livia Fialho; JACQUET, C. Emoção e experiência corporal na trajetória da conversão. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 16, p. 55-65, 2006.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel*. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- DURKHEIM, Emile. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo: Forense, 1970.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação no lazer. In: *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992, p. 101-138.
- FEATHERSTONE, Mike (a). A estetização da vida cotidiana. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 97-118.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Religion, Modernité, Secularisation: Introduction à sociologie du christianisme occidental. In: *Vers un nouveau Christianisme?: introduction à sociologie du christianisme occidental*. 2. ed. Paris: les Éditions du CERF, 1987, p. 187-227.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony & Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics*. Londres: Verso, 1985.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEIRELLES, Mauro. *Imaginários políticos e religiosos no sul da América*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MENDONÇA, Daniel de. A noção de antagonismo na Ciência Política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 20, p. 135-145, 2003.
- OLIVEN, Ruben George. De olho no dinheiro nos Estados Unidos. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 206-235, 2001.

- ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? Debates do NER, Porto Alegre, Ano 1, n. 1, p. 10-36,1997.
- ORO, Ari Pedro. “Podem passar a sacolinha”: um estudo sobre as representações do dinheiro no pentecostalismo auto-nomo brasileiro atual. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 210, p. 301-323, 1993.
- ORO, Ari Pedro. *Reciben o que veniran a buscar: nação e poder em um encontro evangélico transnacional em Buenos Aires*. Porto Alegre, 2008a. Mimeo.
- PEDDE, Valdir. O poder do pentecostalismo: a experiência do Espírito Santo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 3. p. 243-260, 1997.
- PEREIRA, Edilson. O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 58-81, 2009.
- PICOLOTTO, Mariana Reinisch. *Redes Transnacionais: um “nó” na teia transnacional religiosa, sua formação e constituição*. 2012. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RIVERA, Paulo Barrera. Festa, culto e corpo no pentecostalismo. *Numem*, Juiz de Fora, v. 8, p. 123-140, 2006.
- ROCHA, Gilmar. Marcel Mauss e o Significado do Corpo nas Religiões Brasileiras. *Interações - Cultura e Comunidade*, v. 3, p. 133-170, 2008.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da USP, 2006.
- TORRES, Héctor. *Derribemos Fortalezas. ¡Es hora de levantarnos como ejército para triunfar contra las huestes malignas!*. Nashville: Editorial Caribe, 2008.